s
S
r
ç
o
d
co
ju
a
T
R
N
so
ac
Re
na
ell
naõ
lut
sa
diti
até
felic
tura
curv
vosso
garv

— *T*

(*a*)

19

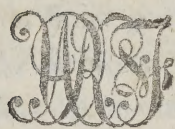
SONETOS

CONSAGRADOS

AO FELIZ ANNIVERSARIO

DA

REGENERAÇAÕ PORTUGUEZA.

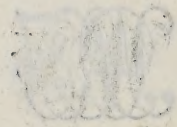
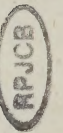
24 D' AGOSTO DE 1822.

PORTO:

Na Typ. de Viuva Alvares Ribeiro & Filhos.

TO,

20

J
a
,
I
N
s
a
F
na
el
na
lu
sa
dit
até
feli
tur
cur
voss
garv

—

(*a*)

SONETO

I.º

CAROS Patricios meus, o pulcro dia,
Que aos seculos mais nitidos naõ cede,
De novo assoma, nova luz despede,
Prazer celeste sobre nós envia.

Da vossa intrepidez, vossa energia
Vivas recordaçoens elle nos pede;
Por dia taõ feliz se vos concede
Entre os Povos da Terra a primazia.

O seu lustre e o da fama portugueza,
Gentis dourando as orbitas da gloria,
Formaõ dous Soes da mesma natureza:

Ambos crédores saõ d'alta memoria;
Pois, com igual encanto, igual belleza,
Hum fulgura nos Ceos, outro na Historia.

SONETO

II.°

Eu naõ venho á lisonja erguer altares,
Nem sou movido de sinistro empenho;
Filho da Patria, com a Patria eu venho
Docemente exultar nestes lugares.

Dar ao dia mais grato aos nossos lares
Tributos fracos de mui fraco engenho;
Eis o innocente fim que apenas tenho,
Eis o motivo só de meus folgares.

Jámais prostituida a minha Musa
Dirige incensos ao que a lei suplanta,
Nem ao perverso que do mando abusa.

A' Liberdade, sim, aras levanta;
E quanto em fim he caro á Gente Lusa
Ambiciona e preza, adora e canta.

SONETO

III.°

Se já no santo Alcaçar da Memoria
Ufano o Porto ergueo renome infindo,
Se ao primeiro Joaõ o seio abrindo
Lhe franqueou os passos da Victoria,

Se pelo premio só de Fama e Gloria
As Aguias expulsou do Téjo lindo,
Se em fim somente a Historia denegrindo
Podem riscar-se os Feitos seus da Historia:

Hoje com novo esforço o Porto ovante
No lugar do mais fero dos Governos
Plantou o mais suave, o mais prestante;

Ganhou da Liberdade os dons Supernos,
E fazer soube hum Dia taõ brilhante
Que dará luz a seculos eternos.

***

SONETO

IV.º

NAÕ, Portuguezes, naõ temais a insania
Dos que enlutar pertendem vossa estrella :
Lisia móres imigos atropella ;
Destes naõ recieis mais que a sisania.

Deixai pois de temer Tigres da Hircania,
Contra serpentes sim usai cautela :
Uniaõ, Portuguezes, que sem ella
Perigo corre a grande Lusitania.

Sagrado amor da Patria os odios corte,
Risque-se tudo que a facçaõ anima,
Que promove a discordia, irmã da morte.

Caracter fraternal em vós se imprima ;
E deixai trovejar o escuro Norte,
Que jámais vereis brusco o vosso clima.

SONETO

V.°

BARTHOLOMEO, que o puro Christianismo
Com seu sangue assellou, vendo manchado
O dia á sua gloria consagrado
Pelo mais horroroso fanatismo:

Vendo o Sena tornar-se em triste abysmo
De carnagem, de luto rodeado;
Vendo em nome de Christo sustentado
Todo o horror d'ambiçaõ e do egoismo:

Das vinganças pedio ao Deos terrivel,
Que da Terra algum Povo o seu bom dia
Expurgasse de mancha taõ horrivel.

E acontecendo, assim como cumpria,
Ao braço Portuguez, braço invencivel,
Cahe hoje o Fanatismo, a Tyrannia.

SONETO

VI.°

O triste Povo, que a facçaõ divide,
Se abalança da sorte ao vituperio:
Onde falta a uniaõ fallece o imperio;
Reside a força onde a uniaõ reside.

Tome quem pela Patria se decide
De bom conciliador o ministerio;
Com brandura e saber, senso e criterio
A opiniaõ reuna e consolide;

Naõ soffra que, por fraco ou desvairado,
Ou por lapsos talvez de entendimento
Qualquer de seus irmaõs seja affrontado;

Affavel, docil, respeitoso, attento
Faça prezar as Leis, amar o Estado;
Motor será do Nacional augmento.

SONETO

VII.°

Brioso Portugal, a grã Cidade
Donde tiras teu nome, a gloria tua,
Surgio da escravidaõ pezada e crua,
Fez livre a Lusitana sociedade.

Ella porém da tua heroicidade
Jámais pertende separar a sua;
Quer sim que a toda a Patria se attribua,
Bem como toda goza a Liberdade.

Pertende accrescentar mais o volume
Dos Sagrados Laureis que te pertencem,
E levantar-te mais da gloria ao cume.

Naõ, d'outra sorte os filhos teus naõ pensem;
Longe a desuniaõ, longe o ciume;
Triunfaõ todos, quando todos vencem.

NA

SONETO

VIII.°

Os nossos immortaes Representantes
Seu caracter sublime haõ sustentado;
O Feudo, ás suas maõs desmantelado,
Já gravoso naõ he qual era d'antes.

Outros abusos mil, que flagellantes
Tinhaõ a classe agraria atormentado,
Cessaraõ de existir; e o Luso estado
Seus passos firma, outr'ora vacillantes.

Vís prevaricaçoens já soffrem guerra
Do rigor que sustenta a integridade,
E os empregados publicos atterra.

Temos o escudo em fim da Liberdade
N'huma Constituiçaõ em que se encerra
Quanto pode inspirar a Divindade.

S O N E T O

IX.°

Ao Monumento da Praça da Constituiçaõ.

A Augusta Pedra, que n'hum divo estado
Vimos hoje assentar de gloria cheios,
Suffoca, esmaga quantos monstros feios
Nos Palacios dos Reis se tem gerado.

O baluarte alli vai ser firmado,
Que a Liberdade exima de receios,
Dando-lhe de seus inclitos esteios
Os altos nomes por broquel sagrado.

Aquella eternal pedra memoravel,
Do tempo e dos tyrannos a despeito,
Promette sustentar-se inabalavel;

E na profundidade do seu leito
Ao colossal poder he formidavel,
Ao Diadema altanado impoem respeito.

NA

SONETO

X.°

Ao mesmo objecto.

NESTE bom dia, ó geraçoens futuras,
Sagrado Monumento alevantamos,
Que mostra o como impavidos quebramos
Cruento jugo, ferropeas duras.

De gloria Nacional primicias puras
Na sua fundaçaõ gozando estamos;
Com este a rica herança vos mandamos
Das nossas isençoens, nossas venturas.

Os direitos do Povo e a Liberdade,
Do Monarca os direitos elle indica,
Bem como a Lusitana Heroicidade.

Guardallo pois a vosso cargo fica,
E fazer que elle possa em toda a idade
Significar o que hoje significa.

SONETO

XI.°

Ao mesmo objecto.

Essas montanhas que a soberba egypcia
Plantou, o Ceo e os Evos affrontando,
Que outra cousa aos mortaes estaõ mostrando
Senaõ duro poder, gloria ficticia!

Qual raça humana ficará propicia
Nas Columnas Trajanas attentando,
Quem naõ vê nesse vulto formidando
Testemunho fatal d'atroz milicia!

Quaõ diverso e mais digno de memoria
Teu Monumento, ó Liberal Cidade,
Promove o amor da verdadeira gloria!

Os demais lembraõ só ferocidade;
Este expoem o sublime da victoria,
O triunfo, o prazer da Humanidade.

SONETO

XII.°

Ao mesmo objecto.

SALVE, Sagrado, Augusto Monumento,
Mudo pregão da Gloria Portuense,
Saiba o Mundo de ti como se vence
O arbitrario poder, poder violento.

Em ti se veja eterno documento
Do que aos Povos compete, aos Reis pertence:
Algum d'esses jámais insano pense
Em amoldar seu mando ao seu intento:

Que possas assombrar tremendo e forte
Quantos Colossos Despotas ufanos
Ergaõ por lei da força ou lei da sorte:

Que exemplos dês em quanto houver humanos:
Que sejas sup'rior ao tempo, á morte,
E mais ainda ao braço dos tyrannos.

SONETO
XIII.°

O' vós que, a Patria com valor salvando,
Vinte e quatro d' Agosto eternizastes,
Hum dia que taõ caro nos tornastes,
Fazei-nos caro sempre e memorando.

Pois guerra ao Patronato declarando
A igualdade da Lei firmar jurastes,
Com esse mesmo ardor que entaõ mostrastes
Ide a nossa ventura consummando.

Em vós persista integridade e brio,
Ganhareis de existentes e vindouros
Indelevel amor, grato elogio.

Èmulos naõ temais, temei desdouros,
Infunda-vos pavor qualquer desvio
Que vos possa murchar os sacros louros.

SONETO
XIV.°

Que desastre naõ fôra, ó Lusitanos,
Tornardes vós á escravidaõ passada,
Pôr vossa liberdade taõ sagrada
Nas maõs d' homens inertes ou tyrannos!

Que desastre instalardes Soberanos
Esses a quem a servidaõ agrada,
E fazerdes andar a Patria amada
Ao triste Cahos dos antigos danos!

Ah! pensai no melindre e na entidade
Das vossas eleiçoens: tento, cautella;
Vêde a quem revestis de magestade:

D' outra sorte infeliz a vossa estrella:
Antes naõ conhecer a liberdade
Que liballa huma vez para perdella.

SONETO

XV.°

Dos Portuguezes qual seria a sorte
Se ao grande Nuno suspendesse os passos
Ou vil soborno, ou vergonhosos laços,
Que faz nos fracos o terror da morte?

Qual o destino d' este Povo forte
Se Joaõ Pinto Ribeiro, entre embaraços,
Naõ minasse o poder d' intrusos braços,
Naõ désse alento ao Portuguez Mavorte?

Que fôra hoje em fim Lisia preclara
Se daquelle inefavel Patriotismo
A preciosa herança lhe faltara?

E ainda encontra alumnos o Egoismo!
Ah! que se o Mundo todo assim pensara,
Todo fôra quinhaõ do Despotismo?

TO, 20

SONETO

XVI.º

Como haverá na esfera Lusitana
Monstro que á liberdade opposto seja
N'este clima feliz onde veceja,
Qual branco lirio, a flôr da raça humana?

Será crivel que aonde soberana
A razaõ poder tem, que naõ fraqueja,
Possa haver quem anhele ou quem proteja
O algôz do Mundo, a Escravidaõ Tyranna?

Naõ, eu naõ posso crer tal desvario;
Sabendo que o menor dos Portuguezes
Se abaliza em discurso, esforço, e brio.

Mas se algum se desmanda, esses revezes
A sisania promove, o Genio impio,
Que os Ceos tem revolvido algumas vezes.

SONETO

XVII.°

Se Lisia, entregue mesmo ao Servilismo,
Venceo Gallia em seu augue, a nova Roma,
Hoje que alto lugar Lisia retoma
Qual será seu valor, seu heroismo!

Que inferno, que ambiçaõ, que despotismo
Lhe poderá dictar ferreo diploma!
De vís Vassallos que avultada somma
Aterra o divinal liberalismo?

Ah! muito embora horrifico Dinasta,
Contra a breve Naçaõ dos Lusos bravos,
Armasse as legioens de plaga vasta:

Que hum Povo livre naõ receia aggravos:
Que digo? Hum Cidadaõ apenas basta
Para encher de terror milhoens de escravos.

***

TO,

20

SONETO
XVIII.º

Dos nossos bellos seculos ditosos
Foi o decimo quinto o derradeiro :
Depois d' esse no Hispano cativeiro
Conhecemos successos desastrosos.

Nos transes desde entaõ mais dolorosos
Gemeo afflicto Portugal inteiro :
Já de estranhos Tyrannos prisioneiro,
Já dado a Parrecidas furiosos.

Tres seculos luctou c' o a Morte irada
Antes que verdadeiros Lusitanos
Lhe tornassem a vida desejada.

Ah! sendo presa de taõ longos damnos,
Como, oh! Patria, serás regenerada
N' este taõ breve espaço de dous annos.

SONETO

XIX.

Ser Liberal he ser da Patria amante,
Como Luso abraçar todos os Lusos,
E onde quer que existirem os abusos
Guerreallos com braço fulminante.

Naõ deixar que por entre hum veo brilhante
Vaõ lavorando reprovados usos,
E fazer que os Servís sejaõ confusos
Vendo as sagradas Leis ir por diante.

Ser Liberal he ser interessado
Pela santa uniaõ, o vil Egoismo
Deixar ao bem geral sacrificado.

Eis aqui o inefavel Patriotismo:
Estas as bases aonde está fundado
O verdadeiro, o sã Liberalismo.

S O N E T O

XX.°

Esses que ao bem e ao mal indifferentes
  Da cara Patria saõ, que naõ se pejaõ
  Destes vís sentimentos que bafejaõ,
  Proprios só d' almas tibias e impudentes;

Quando de triste sangue entre as torrentes
  A prole sua mergulhada vejaõ;
  Quando elles mesmos victimados sejaõ;
  Que será d' esses miseros viventes?

Nescios, tornai em vós; o amor sublime
  Devido aos patrios lares he de facto
  O que a propria existencia nos imprime.

Quem, pois, julgar quimera amor taõ grato,
  Visto que do suicidio apoia o crime,
  Aparte-se de nós por insensato.

SONETO

XXI.°

Em quanto sobre as frentes dos Tyrannos
O diadema horrorisa o mundo inteiro,
Tu o fazes amar, ó Rei primeiro,
Primeiro Cidadaõ dos Lusitanos.

Em quanto nesses thronos inhumanos
Dos homens se trabalha o cativeiro,
Dás com animo honrado e verdadeiro
A' Liberdade auxilios soberanos.

Ah! proseguindo vai, Rei excellente;
Ensina a quantos Reis o globo encerra
O como se governa humana gente.

Aquelles cujo mando he dura guerra,
Ou te haõ de assemelhar, ou brevemente
Tu só serás Monarca sobre a terra.

SONETO

XXII.°

Caros Concidadaõs, a minha empreza,
A minha nobre empreza he concluida:
Hei-vos mostrado hũa alma possuida
D' alto amor pela gloria portugueza.

Se os versos meus, sem arte e sem belleza,
Naõ merecém achar em vós guarida,
D' hum peito filhos saõ que naõ duvida
Ludibriar fantasmas da grandeza.

Em mim força naõ tem lisonja impura,
Nem poderá jámais o servilismo
Em rebuço tornar minha candura.

O mesmo que hoje canto o Heroismo,
Tambem fulminará com maõ segura
Os hypocritas vís do patriotismo.